



Vamos falar a verdade: por mais que a mãe seja uma mulher paciente, por mais que o pai seja um homem tranquilo, por mais sensatos, tolerantes e firmes que sejam os pais na relação com os filhos, chega uma hora em que a molecada exorbita. É o momento em que os pais se sentem quase enlouquecidos, à beira de um ataque de nervos. É muita energia rolando, muita solicitação, muito descontentamento provocado pelas atitudes educativas, muito cuidado exigido etc. Esses momentos são comuns na vida dos pais, e não há como evitá-los. Há, é claro, como superá-los.

Reconhecer os equívocos cometidos com os filhos nas horas de desatino e encontrar maneiras de corrigir os excessos ocorridos são bons exemplos. Mas, vale lembrar, os excessos precisam ser controlados a qualquer custo. Agressão física, chantagem emocional pesada e humilhação, por exemplo, são coisas que precisam ser contidas. Essa é uma competência que qualquer adulto deve exercitar, além de uma obrigação decorrente da vida em sociedade. Para os adultos que têm a responsabilidade de educar os mais novos, então, esse dever é fundamental. É também competência do adulto que educa o ato de refletir a respeito das atitudes que toma com os filhos na busca pela melhor formação. E muitas das atitudes que os pais tomam na tarefa educativa e na relação com os filhos devem deixar os filhos também enlouquecidos pelo fato de serem incoerentes, desarticuladas, desgovernadas. Um dia, assistindo a uma reportagem a respeito do fim das férias, testemunhei um depoimento muito interessante de uma garota de dez ou 11 anos. A matéria mostrava acampamentos de férias e algumas das rotinas da criançada nesses locais. A imagem mostrou as meninas arrumando suas roupas e organizando os quartos coletivos e, logo em seguida, a repórter perguntando a uma das garotas a opinião dela sobre o período passado no local, sem contar a diversão, é lógico. A menina não titubeou: disse que o mais importante tinha sido a oportunidade de viver uma experiência muito nova: a tarefa de arrumar a cama todos os dias ao acordar, já que, em casa, era sempre a mãe ou a empregada que fazia isso. E ela disse ainda mais: que considerava isso importante para sua autonomia.

Fiquei pensando no estilo de vida das garotas dessa idade. Em geral, vão ao shopping em grupos desacompanhados de adultos, carregam e usam o telefone celular com desenvoltura, escolhem o estilo das roupas que vestem, os cortes de cabelo etc. Muitas já namoram ou ficam nas festas, estabelecem relacionamentos pela internet e outras já experimentaram bebidas alcoólicas.

Não é de deixá-los completamente atrapalhados o fato de a autonomia ser tratada de modo tão díspar nesses diferentes assuntos? Afinal, eles ficam sem referências sólidas para se identificarem como crianças ou como jovens. Entretanto, essa confusão provocada pelos adultos é apenas uma das consequências -e talvez não a mais importante- desse modo desarticulado de agir. O que mais pesa é o fato de a relação entre o dever e o direito ficar bem desequilibrada. É que, sem aprender a arcar com responsabilidades mínimas para com a família no sentido de contribuir para a boa manutenção do espaço de convivência familiar que é coletivo, a criançada acaba entendendo que tem direitos a desfrutar, a cobrar e a exigir, mas que os deveres são tarefa dos pais. É outro departamento. Nem mesmo os deveres escolares os pais, com a devida colaboração dos professores, conseguem atribuir como responsabilidade exclusiva dos filhos. Em geral, toda a família se envolve com as tarefas escolares que precisam ser realizadas em casa.

Arrumar a cama, colocar as roupas no local adequado, contribuir com a arrumação e a organização da casa, realizar pequenas tarefas domésticas sem prejudicar o tempo de estudo e de lazer são coisas que fazem parte da educação e da formação dos filhos. As crianças não deveriam precisar de um acampamento para aprender que já podem tomar conta de suas coisas e ser solidárias nas responsabilidades familiares, não é verdade?

ROSELY SAYÃO é psicóloga e autora de "Como Educar Meu Filho?" (ed. Publifolha).

@ - roselysayao@folhasp.com.br

(recebido de Lúcia, lista FEPC www.edicoesgil.com.br)